



HISTÓRIA, MEMÓRIA E NARRATIVA: PERCALÇOS FECUNDOS EM HISTÓRIA ORAL

Doi: 10.4025/8cih.pphuem.4158

Larissa Martins Buono, UEL

Resumo

Memórias e identidades são dois conceitos que vêm estado no centro das discussões em ciências humanas. Ambos são meios de reivindicação de espaços, de direitos de diferentes grupos ou de indivíduos, etnias, classes sociais, muitas vezes negligenciados pela memória oficial das sociedades tradicionais. O Bosque Marechal Cândido Rondon, área verde do “centro histórico” de Londrina (PR), preservado como “jardim” desde a municipalização da cidade é tema de pesquisa maior que está em desenvolvimento e que compõe uma trilha interpretativa do que se pretende, oficialmente, como centro histórico patrimonializado; Para tal necessita da posição do sujeito social para emergência das memórias individuais e coletivas e como agente ativo para criação de novos significados da cultura urbana. A partir do tema inicial e de curso promovido por Gilmar Arruda/ Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Estadual de Londrina sobre teorias e metodologias em História Oral, este artigo buscou demonstrar a fonte oral como recurso legítimo do pesquisador ter acesso a múltiplas “histórias dentro da história” (ALBERTI, 2008). Apresentamos também alguns dos usos deste recurso metodológico como contribuições para historiografia de Londrina e para patrimonialização do Bosque.

Palavras Chave:

História Oral;
Metodologias em
História Oral; Memória;
Identidade.

Nas últimas décadas do século XX com surgimento da Nova História e a enorme dilatação do campo do documento, muitos objetos de estudo tiveram ênfase, em especial no âmbito de cultura dos povos. Este alargamento do campo do historiador possibilitou o uso das mais variadas fontes de pesquisa proporcionando o acesso e as representações de comportamentos, valores sociais, manifestações ideológicas, identidades e memória dos sujeitos históricos.

Desconstruindo a historiografia positivista do fim do século XIX e início do XX, em que o documento legítimo, essencialmente escrito, era prova histórica por si mesmo, Le Goff (1984) problematiza a nova concepção de documento. A análise da herança do passado depende da escolha do historiador em usar determinado documento, cientificamente, a fim de preservar tal memória histórica. É fruto de escolhas e intenções de quem o elaboram. Além disto, sabemos que a ideia de se preservar um legado histórico é uma forma de estabelecer “o sentido do passado” no tempo presente com projeções de perspectivas futuras (HOBSBAWM, 2008).

Assim, o historiador busca diversas fontes para o conhecimento histórico e manutenção das **identidades** e da **memória**, conceitos que vem estado no centro dos debates em ciências humanas e que estão em disputa. Memória e identidade são ferramentas de reivindicação dos espaços, dos direitos de diferentes grupos, etnias, de classes sociais, de indivíduos negligenciados muitas vezes pela memória oficial das sociedades tradicionais entorno das Nações.

Torna-se um desafio o uso de fontes mais recentes, como a fonte oral. No entanto, estamos enriquecidos com referências teóricas e metodológicas. Sua metodologia, iniciada em meados do século XX, é um elo entre memória e

história, retomando Le Goff, a história é a forma científica da memória coletiva. A emergência de “lugares de memória”, Pierre Nora (1993) expressa o anseio ao resgate de ritos que definam grupos, por isto criar arquivos, organizar celebrações, criar museus, acervos, espaços públicos, manter festas e ritos.

À medida em que desaparece a memória tradicional, nós nos sentimos obrigados a acumular religiosamente vestígios, testemunhos, documentos, imagens, discursos, sinais visíveis do que foi, como se esse dossiê cada vez mais prolífero devesse se tornar prova em não se sabe em que tribunal da história. (NORA, 1993, p. 15)

Os vestígios da memória e as percepções das realidades são diferentes das factuais subjacentes a tais percepções. Em história oral o problema é saber como interpretar o material para a memória ser tomada como História. Há três critérios levantados por Michael Pollak (1992, p. 200-12) que são constitutivos da memória individual ou coletiva, essenciais à observação do historiador: os **acontecimentos**, as **pessoas** e os **lugares**. Direta ou indiretamente eles seriam “empiricamente fundados em fatos concretos”. No entanto podem ser também uma projeção de memórias já consagradas, herdadas ou construídas politicamente, ambas consciente ou inconscientemente.

Para Pollak, não há diferença entre fontes, escrita ou oral. Embora a fonte oral seja recurso representativo privilegiado para abrir novas fontes de pesquisa, cabe ao historiador levar a sério a crítica às fontes. Este campo abrangente de pesquisa legitimam certos grupos por meio da manutenção de suas memórias. A reconstrução da história pelas testemunhas de eventos passados permite acesso às experiências até então não documentadas ou pouco documentadas e que retratem a histórias das minorias, dos excluídos, de mulheres, de diferentes

grupos étnicos, trabalhadores; Ou, ainda experiências de vidas privadas não registradas que podem enriquecer eventos históricos. Também, não menos importante, esta metodologia de pesquisa permitiu (e permite) novos olhares sobre temas clássicos constantemente abordados na historiografia mundial.

A maior e mais delicada crítica é a subjetividade das fontes orais. Entre as críticas de acesso ao passado pela memória ou seus fragmentos consideramos a inevitável subjetividade, no entanto trazer o passado para o presente remete ao objetivo, intermediado pelo esforço consciente do historiador.

Especialmente nos Estados Unidos desde meados de 1960, estas metodologias vão sendo delineadas. Convenções, associações, revistas, manuais estabelecem padrões metodológicos para a coleta de dados das entrevistas. Hoje o assunto está disseminado e consolidado, mesmo porque a fonte oral é usada também para constituição de arquivos, provas jurídicas. De todo modo as questões metodológicas são as principais.

Para as possibilidades de pesquisa com fonte oral lançamos mão das contribuições de Verena Alberti (2008). A História Oral permite um olhar do modo como as pessoas descrevem suas vivências, de modo que o pesquisador tem acesso a múltiplas “histórias dentro da história”. Citando expressões de Lutz Niethammer, Alberti afirma:

Essa ‘História de experiência’ é, para o historiador Lutz Niethammer, uma possibilidade de nos aproximarmos empiricamente de algo como o ‘significado da história dentro da história’ e permite questionar de modo crítico a aplicação de teorias macrossociológicas sobre o passado. A capacidade de a entrevista contradizer generalizações sobre o passado amplia, pois, a percepção histórica -

e nesse sentido permite a ‘mudança de perspectiva’. (ALBERTI, 2008, p. 166)

Não se trata apenas de coletar a narrativa e convertê-la em história dada. Seguimos os passos traçados por Alberti (2006, p. 168-70): Primeiramente é preciso levantar as condições da fonte oral detalhadamente. Depois, considerando que a “entrevista de História oral é, ao mesmo tempo, um relato de ações passadas e um resíduo de ações desencadeadas na própria entrevista” o segundo passo é considerá-la como tal, resíduo de ações passadas. Sabendo que não é um relato puro, mas um relato ajustado, “deve ser compreendida também como documento de cunho biográfico”. Cabe ao historiador estar atento as atribuições de significados às ações, conferindo sentido à narrativa. Além disto, entendemos que o relato/ narrativa do entrevistado sobre suas experiências estão, ainda, atrelados às narrativas do entrevistador.

Para execução de uma entrevista é necessário elaborar um roteiro e discutir as representatividades: Porque buscou determinado sujeito histórico, o que as fontes representam como e qual categoria ou grupo pertence. Situa-lo na pesquisa e no espaço. Devemos estar atentos aos ensinamentos de Alessandro Portelli (1996) para a convenção do discurso, as atribuições de significados da existência do sujeito/ depoente: expressões, posições políticas, modos, estilos de linguagem. Detalhes que justifiquem e caracterizem o narrador como representante do objeto de pesquisa. A linguagem usada, entonação, recursos linguísticos e argumentações em geral.

Outra discussão, de Janaína Amado (1995), é o conceito usado de “dimensão simbólica” que cada depoente carrega para sua vida – o que o depoimento engloba de simbolismos, o que dele é importante, os significados das experiências vividas para o cruzamento com o objeto de pesquisa.

O roteiro deve ser muito bem delimitado para a condução da entrevista e os mais variados aspectos a serem considerados. Nas palavras de Portelli (2010, p. 20), a “entre/vista” é uma troca de olhares. Mais do que arte verbal, “{...} a história oral é um gênero multivocal, resultado do trabalho comum de uma pluralidade de autores em diálogo”. O conceito por ele usado é “coletivo dialógico” entre narrador e entrevistador que só pode ser fluido por meio da oralidade. Em outro artigo, Portelli (1997) atribui credibilidade a fonte oral. Por ser, a subjetividade do expositor um processo ativo de criação de significados, a história oral seria fonte única e preciosa.

Mas o que realmente importa é não ser a memória apenas um depositário passivo de fatos, mas também um processo ativo de criação de significados. Assim, a utilidade específica das fontes para o historiador repousa não tanto em suas habilidades de preservar o passado quanto nas muitas mudanças forçadas pela memória. Estas modificações revelam o esforço dos narradores em buscar sentido no passado e dar forma às suas vidas, e colocar a entrevista e narração em seu contexto histórico.” (PORTELLI, 1997, p. 33)

Muitos estudos já foram feitos sobre Londrina, sua história e memória, sendo alguns consagrados pela relevância acadêmica sobre a historiografia de

Londrina e, de um modo geral, do Paraná. Em 1993, “[O Eldorado: Londrina e o norte do Paraná \(1930-1975\)](#)” o historiador José Miguel de Arias Neto aborda a representação da cidade sob o ponto de vista político-ideológico em torno do “Eldorado”. Em 1997 Nelson Dácio Tomazi com a tese “Norte do Paraná: história e fantasmagorias” questionam as memórias, primeiras e oficiais, na ocupação das terras no Norte do Paraná. Cultura, cidadania, cotidiano, progresso, cafeicultura, poderes políticos, boemia, prostituição, minorias, policiamento, trabalhadores. Tantos foram (e são) temas pesquisados sobre a cidade de Londrina¹. Investigando uma infinidade de fontes os pesquisadores vêm problematizando os processos históricos (ênfase na área de humanas, cujos saberes são específicos).

Até o presente foram identificados e estudados dois trabalhos nos quais se referem especificamente ao Bosque Mal. Cândido Rondon². O mais recente, de 2010, é a monografia de Fernanda Cequalini Frozoni “Bosque Marechal Cândido Rondon (1950 a 1970): Referência e patrimônio londrinense?”. Com base em jornais antigos e recentes, fotografias, plantas, mapas, **entrevistas** e bibliografias locais, a autora elucida o bosque como local de forte representatividade para a cidade e seus moradores uma vez que destaca que o trabalho tem como objetivo principal reforçar a ideia de que o espaço é um

¹ Teses e dissertações se consagraram por enriquecer a historiografia sobre a região. Algumas foram citadas. Além delas apontamos: ADUM, Sonia Maria Sperandio Lopes. **Imagens do progresso: civilização e barbárie em Londrina – 1930/1960**. Dissertação (Mestrado em História Social) - UNESP, Assis, 1991; CASTRO, R. A. A.. **O Cotidiano e a Cidade: Práticas, Papéis e Representações Femininas em Londrina (1930-1960)**. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) – UFPR, Curitiba, 1994; TOMMASINO, K.. **A História dos Kaingáng da bacia do Tibagi: Uma sociedade Jê Meridional em movimento**. Tese (Doutorado em Antropologia) – USP, São Paulo, 1995; ROLIM, R. C. O

policiamento e a ordem: repressão e violência (1948-1962). Dissertação (Mestrado em História) – UNESP, Assis, 1996.

² Há caso do uso de outras fontes para abordagem do Bosque, caso da monografia em geografia de Takeda (2004) ou livro de Yamaki (2003) em de que abordam esboços e mapas da década de 1930 da Companhia de Terras Norte do Paraná cujo espaço era referenciado como “Jardins” e possuíam traçados específicos e similares aos das demais praças locais. Estes trabalhos são retomados por Maria E. Panchoni (2007) em dissertação para mestrado em Geografia, Meio Ambiente e Desenvolvimento.

patrimônio e necessita ser conservado (2010, p. 17).

A pesquisa pioneira, de 2007, é resultado de discussões em Projeto de Extensão do Inventário e Proteção do Acervo Cultural de Londrina (IPAC/UEL) com alunos e professores de Ciências Sociais, História e Arquitetura. Escrita por Ana Maria Chiarotti de Almeida e Sônia Maria Sperandio Lopes Adum, “Memória e Cotidiano do Bosque” faz um leitura dos usos e apropriações do bosque e o modo como seus frequentadores significam e (re)significam o presente e o passado local. É uma expressão de posicionamento do IPAC para registro da memória e do entendimento de Patrimônio Cultural da cidade. A pesquisa reconstrói o passado do bosque desde a aquisição das terras no Norte do Paraná pela Companhia de Terras (CTNP) sendo que em 1929 teve sua área “definida no projeto de organização espacial, elaborado pela CTNP, como espaço público, e, desta forma, cedido à prefeitura” (ALMEIDA; ADUM, 2007, p. 10).

Fonte importante para a pesquisa foram as entrevistas que proporcionaram novas bibliografias para história de Londrina e conclusões:

O Bosque apresenta-se desse modo, enquanto bem cultural na medida em que é através das práticas cotidianas vivenciadas nesse espaço, que os diversos grupos constroem suas representações e redes de sociabilidade e é através dessa apropriação que se configura a memória coletiva, matéria-prima para uma outra perspectiva do processo histórico. (2007, p. 29)

Também:

Diante do abandono, da insegurança e do perigo que o Bosque atualmente apresenta, esses frequentadores apontam para a necessidade de preservá-lo, através de ações do poder público. Pois, enquanto patrimônio cultural da

cidade deve se transformar em espaço de fruição coletiva. (2007, p.61)

Aproximamos-nos aqui do recurso da fonte oral para escrever a “história dentro da história” no sentido que queremos atingir o cidadão/usuário antigo do bosque, usuário atual ou futuro usuário.

O bosque compõe uma trilha interpretativa do que se pretende, oficialmente, como centro histórico patrimonializado juntamente com seu entorno. Entre praças, edifícios, avenidas, há mais de uma década todos fizeram parte de projetos de educação patrimonial com apoio da Secretaria Municipal de Cultura, Diretoria de Patrimônio Histórico, Museu Histórico de Londrina, Universidade Estadual de Londrina – Projetos de Extensão do Inventário e Proteção do Acervo Cultural de Londrina (IPAC) -. De área verde com “densa” vegetação nativa das terras do Norte do Paraná conservada naquele primeiro centro no município, o Bosque passou por transformações,

Na realidade o ‘Bosque’ é marcado por apropriações e usos diversos por parte dos londrinenses. Se, no passado, é lembrado como local de festas, comemorações e manifestações públicas e/ou políticas que ficaram registradas na história do Município, atualmente constitui palco de relações transitórias e efêmeras.

Embora ao longo de sua existência **tenha passado por várias mudanças e reformas, por meio de intervenções do Poder Público Municipal**, até hoje é considerado pela população como espaço importante a ser preservado, tendo sido, na década de 1980, objeto de proposta de tombamento junto ao CEPHA-Conselho Estadual de Patrimônio Histórico e Artístico, da Secretaria de Estado da Cultura. (ALMEIDA; ADUM, 2007, XII, grifo nosso).

A fecundidade da história oral para a História está no modo como o pesquisador trata a fonte usando o rigor metodológico necessário a qualquer fonte, amplo conhecimento da literatura sobre o tema e sistemática coleta da fonte atrelada ao objeto histórico de pesquisa.

Referências

- ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanez. (Org.). **Fontes Históricas**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008. p. 155-202.
- ALMEIDA, Ana Maria Chiarotti de; ADUM, Sônia Maria Sperandio Lopes. **Memória e cotidiano do Bosque**. Londrina: Eduel, 2007.
- AMADO, Janaína. O grande mentiroso: tradição, veracidade e imaginação em História Oral. **História**, São Paulo, n. 14, 1995, p. 125-136.
- ANDRÉ, Richard Gonçalves. **Entre o Mito e a Técnica**: Representações de Natureza em Fontes Fotográficas (Londrina, 1934 – 1944). Assis, 2006. Dissertação (mestrado em História), Universidade Estadual Paulista, Assis, 2006.
- ARIAS NETO, José Miguel. **O Eldorado**. Representações da política em Londrina (1930-1975). São Paulo, 1993. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade de São Paulo, S1993.
- FROZONI, Fernanda Cequalini. **Bosque Marechal Cândido Rondon (1950-1970)**: Referência e patrimônio londrinense?. 2010. 96f. Monografia (Pós-graduação em História) – Centro de Letras e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2010.
- HOSBAWM, Eric. O sentido do passado. In: _____ **Sobre História**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. p. 22-33.
- LE GOFF, Jacques. Documento/monumento. **Enciclopédia Einaudi**. Vol. 1, Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1984.
- NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. **Projeto História**. Puc-São Paulo, (10), dez. 1993.
- POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v.5, n. 10, 1992, p. 200-12.
- PORTELLI, Alessandro. A filosofia e os fatos: narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. **Tempo**. Revista do Departamento de História da UFF. Rio de Janeiro: UFF, v.1, n.2, 1996, p.59-72.
- _____. Forma e significado na História Oral. A pesquisa como um experimento em igualdade. **Projeto História**, fev, v. 14, 1997, p. 7-24.
- _____. Sempre existe uma barreira. A arte multivocal da história oral. In: **Ensaio de História Oral**. São Paulo: Letra e Voz, 2010.
- TAKEDA, M. **As transformações da área central de Londrina**: uma outra centralidade. 2004. 167p. Monografia (Graduação em Geografia) – Centro de Ciência Exatas, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2004.
- TOMAZI, Nelson D. **Norte do Paraná**: história e fantasmagorias. Curitiba. 1997. Tese (Doutorado em História) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1997.
- YAMAKI, H.T. **Iconografia Londrinense**. Londrina: Edições humanidades, 2003.